



ARTIGO

# A influência do contexto na coconstrução de sentidos na tecnodiscursividade: reflexões teóricas e metodológicas

*The influence of context on the co-construction of meanings in technodiscursivity: theoretical and methodological reflections*

**Kleiane Bezerra de Sá**  

kleiane.bezerra@ifce.edu.br

*Instituto Federal do Ceará (IFCE), Fortaleza, CE, Brasil*

**Hildenize Andrade Laurindo**  

hzlaurindo2@gmail.com

*Colégio Militar de Fortaleza (CMF), Fortaleza, CE, Brasil*

## Resumo

Neste artigo, temos como objetivo mais amplo redimensionar a noção de contexto, a partir de uma re(conceitualização) da noção de coerência no ambiente digital, a fim de sublinhar a importância do contexto para a interpretação eficaz de textos na tecnodiscursividade. Conforme Cavalcante et al. (2022), no contexto cabem o ambiente ecológico (Paveau, 2021) em que o texto é gerado, que comporta as ações e reações humano-tecnológicas com os objetos e materiais com que possam estar relacionados na interação, os valores, os estereótipos e as crenças que possam ser evocados, assim como os saberes compartilhados e as identidades sociais que os participantes possam assumir. Assim, fomentamos uma reflexão de ordem teórica e metodológica, a partir de uma postagem do ecossistema Instagram, para sugerir quatro subcategorias que devem ser consideradas para análises de textos na tecnodiscursividade, quais sejam: hibridização humano-tecnológica; valores, estereótipos e crenças; saberes compartilhados e identidades sociais. Acreditamos que as reflexões aqui engendradas podem subsidiar o trabalho de análise da coerência, na medida em que procuramos demonstrar como as subcategorias contextuais mencionadas podem, uma vez integradas, colaborar para o exercício pormenorizado do contexto tecnodiscursivo.

## Palavras-chave

Contexto. Tecnodiscursividade. Coerência.

## Abstract

In this article, our broader aim is to reframe the notion of context through a re(conceptualization) of the idea of coherence in the digital environment, in order to emphasize the importance of context for the effective interpretation of texts in technodiscursivity. According to Cavalcante et al. (2022), context encompasses the ecological environment (Paveau, 2021) in which the text is generated, which includes human-technological actions and reactions with objects and materials

# Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 01/10/2024

Aprovação do trabalho: 19/05/2025

Publicação do trabalho: 04/07/2025

 10.46230/lef.v17i2.14117

## COMO CITAR

SÁ, Kleiane Bezerra de; LAURINDO, Hildenize Andrade. A influência do contexto na coconstrução de sentidos na tecnodiscursividade: reflexões teóricas e metodológicas. *Revista Linguagem em Foco*, v.17, n.2, 2025. p. 151-169. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/14117>.

Distribuído sob



Verificado com



that may be related in the interaction, as well as the values, stereotypes and beliefs that may be evoked, along with shared knowledge and the social identities that participants may assume. Thus, we foster a theoretical and methodological reflection, based on a post from the Instagram ecosystem, to suggest four subcategories that should be considered for text analysis in technodiscursivity, namely: human-technological hybridization; values, stereotypes and beliefs; shared knowledge; and social identities. We believe that the reflections developed here can support the work of coherence analysis, as we seek to demonstrate how the mentioned contextual subcategories, when integrated, can contribute to a detailed examination of the technodiscursive context.

**Keywords**

Context. Technodiscursivity. Coherence.

## Introdução

Tendo sido alçada por estudiosos da Linguística Textual (LT) no Brasil ao posto de comando entre os princípios da textualidade, a coerência tornou-se uma condição sociocognitiva, linguística e pragmática para a existência do evento texto (Cavalcante *et al.*, 2022). Uma vez que o texto é considerado em seu funcionamento como um evento único e irrepetível em função de aspectos da interação (Cavalcante *et al.*, 2019), impõe-se para a análise da coerência uma perspectiva processual em um complexo jogo de construção e interpretação de implicitudes.

Assim reconsiderada, a noção de coerência passa a pressupor a constituição dos sentidos de um texto como dependente da participação dos interlocutores e de questões situacionais, pois, devido a coerções das práticas sociais e dos contratos comunicativos estabelecidos, tais sentidos podem ser construídos de modos distintos a cada situação comunicativa (Cavalcante *et al.*, 2022).

Tomada nesse sentido, a discussão sobre coerência deve contemplar a reflexão sobre o contexto como elemento que norteia os sentidos co-construídos em interação. Desse modo, o estatuto teórico do contexto ganha relevo não só para fundamentar a análise de textos de modo geral, mas, de modo particular, a análise das produções nativas digitais da tecnodiscursividade (Paveau, 2021), considerando-se, integradamente, suas características tanto linguísticas quanto tecnológicas e os fatores que influenciam na interação on-line entre os interlocutores (humanos ou não).

Propomos, assim, após esta introdução, uma seção para discutirmos acerca da relação entre coerência e contexto. Associadas a este, princípio norteador de sentidos, são esclarecidas, para fins de análise, as quatro categorias selecionadas por Cavalcante *et al.* (2022) e retomadas por Custódio Filho e Elias (2024), a saber: 1) discurso; 2) argumentação; 3) contrato comunicativo e 4) tecnodiscursividade. Na seção subsequente, focalizando a importância do contexto para a análise de textos produzidos em ambientes digitais on-line, priorizamos a tecnodiscursividade como categoria contextual visando contribuir para a discussão por meio

da análise de exemplares desses textos com base nas seguintes subcategorias: 1) hibridização humano- tecnológica; 2) valores, estereótipos e crenças; 3) saberes compartilhados e 4) identidades sociais.

Buscamos, portanto, alcançar, neste artigo, reflexões que possam redimensionar as noções de contexto e de coerência a partir da tecnodiscursividade.

## 1 Considerações sobre o contexto como princípio norteador dos sentidos

Para a LT desenvolvida no âmbito do Protexo<sup>1</sup>, os trabalhos descritivos sobre o funcionamento textual partem da conceituação de texto como a “*suposição de uma unidade de comunicação e de coerência em contexto*” de que tratam Cavalcante et al. (2022, p. 8, grifos nossos). Somente a partir dessa consideração, tais trabalhos podem se debruçar sobre a complexidade das relações contextuais e explicá-las de modo integrado aos processos de interpretação de textos do ambiente ecológico (Paveau, 2021).

Das três dimensões convocadas para a definição aludida de texto estão: a) *unidade de comunicação*, entendida como evento comunicativo de que participam interactantes com propósitos mais ou menos delineados, via gêneros, em um determinado tempo e espaço; b) o *conceito de coerência*, tendo em vista que é considerado como “condição para que haja texto” (Cavalcante et al. 2022, p. 9) e, como “o que particulariza o fazer científico da LT”, visão defendida por Custódio Filho e Elias (2024, p. 3) mais recentemente, justificando que outras tantas perspectivas teóricas também se utilizam do texto como material de análise; e c) a *noção de contexto*, que nunca é desvinculada do texto, pois segundo Cavalcante et al. (2022, p. 9) o “acontecimento do texto comporta todo o contexto sócio-histórico que é por ele convocado, dentro do que os participantes tomam como relevante para a negociação de sentidos”. É sobre a noção de contexto que nos debruçaremos neste trabalho.

Lidar com o contexto é lidar, concomitantemente, com a própria história da LT, tendo em vista que as definições seminais de texto<sup>2</sup> o descreviam como

1 Grupo de pesquisa que foi liderado pela professora Mônica Magalhães Cavalcante (*in memoriam*) por mais de 20 anos. Atualmente, Mariza Angélica de Paiva Brito é a líder do grupo.

2 Para maior aprofundamento, indicamos a reflexão desenvolvida por Marcuschi (1983), amparado em Harweg sobre a distinção entre texto êmico e ético. O texto êmico é aquele que se realiza na sua relação de imanência ao sistema do texto em si. O texto ético é o que se realiza situativamente e se define na cotextualidade, considerando elementos transcendentais ao texto como data, local, autoria, etc. Vislumbramos que essa reflexão pode estar na base do que a LT do Brasil adotou e veio a consolidar como contexto, tal qual concebemos hoje.

uma simples *unidade linguística*, ao passo que havia também as que propunham critérios mais amplos que os estritamente linguísticos, tomando-o como *unidade comunicativa*. Em Marcuschi (1983), na obra *Linguística de texto*: o que é e como se faz, vislumbramos uma importante contribuição para mudança sistemática que levaria ao rompimento de princípios linguísticos cristalizados como o da gramática de texto, que supunha ser possível identificar um conjunto de regras para a *boa formação textual*. Seus esforços para configurar uma linha de investigação interdisciplinar que se mune de métodos e categorias de várias procedências, colaboraram para que a LT preste serviços fundamentais<sup>3</sup> "na elaboração de exercícios e na formação hermenêutica do leitor, ao lhe dar o instrumental que o capacita para a compreensão de textos" (Marcuschi, 1983, p. 33).

No avanço da LT, em reflexões engendradas por Koch e Travaglia (1989) e Koch (2004), é possível perceber um avanço no papel preponderante que o contexto exerce na atribuição da coerência. As pesquisadoras Koch e Elias (2006, p. 59), na obra *Ler e compreender: os sentidos do texto*, apresentam uma importante sistematização dos tipos de conhecimentos e de contextos, apontando que "tudo aquilo que, de alguma forma, contribui para ou determina a construção do sentido" define contexto.

De acordo com Koch e Elias (2006), os conhecimentos *linguístico*, *de mundo* e *interacional* são ativados na produção e interpretação de um texto. Vejamos como isso pode ocorrer a partir do texto a seguir.

**Figura 1 - Captura de tela do Jornal *Folha de São Paulo***



Fonte: BERTAZZI, Galvão. Vida besta. Folha de São Paulo. Disponível em: [https://cartum.folha.uol.com.br/quadrinhos/2024/09/17/vida-bestas-galvao-bertazzi.shtml?utm\\_source=sharenativo&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=sharenativo](https://cartum.folha.uol.com.br/quadrinhos/2024/09/17/vida-bestas-galvao-bertazzi.shtml?utm_source=sharenativo&utm_medium=social&utm_campaign=sharenativo). Acesso em 20 set. 2024.

3 É o que percebemos na conformação da pedagogia para o ensino de língua portuguesa no Brasil, em que categorias teóricas da LT mantêm proximidade com a proposição de metodologias educacionais. Alinhados com Custódio Filho e Cavalcante (2023), verificamos que documentos oficiais repercutem tópicos caros à LT, como o conhecimento de gêneros discursivos e as condições contextuais que interferem na construção de conhecimento, ou seja, as "referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e recepção de discursos" (Brasil, 2018, p. 490).

A partir do exemplo em tela, dizemos que os assinantes do jornal julgam, no momento em que agem socialmente, o que lhes parece mais relevante como tópico de interesse em cada interação, e essas escolhas, evidentemente, estão relacionadas a suas experiências tanto individuais quanto socioculturais.

No processamento textual do cartum, podemos aplicar os três grandes sistemas de conhecimentos apontados por Koch e Elias (2006) para uma análise mais aprofundada. O *conhecimento linguístico*, o qual abrange os conhecimentos da gramática e do léxico da língua, é acionado ao interpretarmos as palavras e frases presentes no cartum, como “pílula antidepressiva”, “piso antiderrapante”, “cadeado antifurto” e “cadeira anticoach”. O domínio da língua permite reconhecer a estrutura morfológica dos termos compostos por “anti-”, que indica algo destinado a prevenir ou neutralizar. O linguístico aqui também contempla a multimodalidade da imagem, uma vez que há imagens, cores, disposição dos itens, e todos eles, associados, colaboram para a construção dos sentidos.

A nosso ver, é impossível desvincular a noção de texto da noção de contexto; prova disso é que o texto da Fig. 1 não é uma simples materialidade física e acabada de segmentos verbais como muitas vezes se supôs ser. Precisamos convocar outros tipos de conhecimento para abordar o contexto por suas propriedades de emergência e de incorporação (Hanks, 2008) na tecnodiscursividade.

O *conhecimento de mundo*<sup>4</sup> diz respeito a tudo o que assimilamos no decorrer da nossa vida, desde noções básicas como dentro/fora, até informações históricas, sociais, culturais, que ativamos em momentos oportunos, como quando estamos tentando compreender o texto da Fig. 1. Esclarecemos que, à época de escrita deste artigo, houve um episódio de agressão durante debate com candidatos à Prefeitura de São Paulo, em que José Luiz Datena (PSDB) agrediu Pablo Marçal (PRTB), que é reconhecido como ex-coach, com uma cadeirada.

Nesse caso, o conhecimento de mundo é fundamental para que o leitor compreenda a crítica e o humor presentes no exemplo. Porém, trazemos as reflexões de Carvalho *et al.* (no prelo, p. 10) para defender que os “conhecimentos prévios da conjuntura social representam erudição. Nessa perspectiva, tanto melhor que o leitor/interlocutor possua os elementos prévios para uma leitura. Entretanto, caso não os possua, a leitura e a compreensão se darão por outros caminhos”.

Desse modo, sempre haverá linhas interpretativas possíveis para o car-

4 Compreendemos este termo intercambiável com conhecimentos enciclopédicos, prévios.

tum: a) ou seria a provocação que desperta nos leitores do jornal uma crítica implícita ao mundo moderno e suas soluções supostamente simples para problemas complexos, uma vez que objetos funcionais, como pílula, piso e cadeado, são apresentados como solução para a depressão, risco de quedas e furtos respectivamente, e a cadeira, objeto utilizado na agressão, seria a solução para enfrentar o *coach*; b) ou seria a visão de como Datena resolve os problemas dele, etc.

O *conhecimento interacional* ocorre sempre que precisamos mobilizar e ativar conhecimentos referentes às formas de interação. A partir desse tipo de conhecimento, somos capazes de iniciar e terminar certas formas de comunicação, pois dominamos mecanismos de interação social e discursiva. Assim, verificamos que a compreensão do cartum depende do acionamento simultâneo desses três sistemas de conhecimento, como sugerido por Koch e Elias (2006). O processamento textual envolve a decodificação dos signos linguísticos, a ativação de conhecimento enciclopédico sobre as situações e objetos representados e a habilidade de reconhecer a crítica implícita nas interações sociais modernas representadas.

Até aqui, realizamos sucintamente um panorama em que o contexto é tomado como princípio norteador dos sentidos na visão de Marcuschi (1983), Koch e Travaglia (1989), Koch (2004) e Koch e Elias (2006). A partir de agora, evocamos a homenagem em forma de artigo que Custódio Filho e Elias (2024) intitularam *O legado de Mônica Cavalcante para a Linguística Textual brasileira*, em que apresentam as definitivas contribuições de Cavalcante à frente do Protexo, para o estatuto teórico do contexto na LT da atualidade, em razão do esmerado trabalho de constituição de interfaces entre áreas diversas<sup>5</sup>, fincado na especificidade dos procedimentos analíticos desse campo.

Nesse sentido, Custódio Filho e Elias (2024) sistematizam quatro aspectos que denominamos, aqui, de *categorias contextuais* no trabalho de pesquisa de Mônica Cavalcante que devem ser levados em consideração para atribuição de sentidos de um texto: o discurso, a argumentação, o contrato comunicativo e a tecnodiscursividade.

- Discurso: os autores explicitam sua importância ao reconhecerem que os sujeitos e seus enunciados são historicamente situados, refletindo as condições culturais, socioeconômicas e ideológicas em que estão inseridos. O proces-

5 Como a Antropologia (Hanks, 2008), Teoria da Argumentação (Amossy 2018), Semiolinguística (Charaudeau, 2012) e Análise do Discurso (Paveau, 2021).

so de comunicação é, assim, visto como uma ação social contextualizada, em que os sujeitos constroem significados dentro de relações de poder. Desse modo, somente podemos construir sentidos de um texto, se levarmos em consideração tanto a memória discursiva dos grupos sociais quanto à situação imediata de interação, uma vez que o discurso se manifesta nos textos através da emergência e incorporação (Hanks, 2008) de elementos do contexto social e histórico, e isso reforça a ideia de que a comunicação não ocorre em um vácuo, mas está sempre inserida em um complexo de valores e crenças. Em suma, para Cavalcante *et al.* (2022), a interação entre texto, contexto e relações de poder se torna fundamental para a compreensão dos enunciados, em virtude de o discurso ser uma construção dinâmica, influenciada por uma série de fatores que não podem ser ignorados na produção e interpretação textual.

A título de exemplificação, valemo-nos do cartum (Fig. 1), para comentar o episódio da cadeirada sob a perspectiva discursiva, como descrito por Hanks (2008) e Cavalcante *et al.* (2022), que destacam a importância do contexto histórico e social na construção dos enunciados. Esse ato violento reflete não apenas tensões ideológicas, mas também a memória discursiva das campanhas políticas brasileiras, frequentemente marcadas por agressões. A violência aqui se insere como uma expressão física de disputa por poder, demonstrando que a comunicação política está intrinsecamente ligada às relações de poder e ao contexto social em que ocorre.

Argumentação: a proposta de Cavalcante sustenta-se na teoria da argumentação no discurso, de Ruth Amossy (2018), que postula a existência de textos de visada e de dimensão argumentativa. Estes são inerentes a todo ato de linguagem e buscam afetar de algum modo o interlocutor; aqueles buscam construir um arrazoado de argumentos explícitos para a defesa de uma tese em uma ou mais modalidades argumentativas, dentro dos arranjos linguísticos e composticionais convocados e autorizados para certos padrões discursivos dos gêneros. Em vista disso, a atribuição de sentidos passa, necessariamente, pela argumentatividade (de visada ou de dimensão) própria de qualquer texto.

Valemo-nos mais uma vez do ato violento de Datena (PSDB) para exemplificar essa categoria contextual. De acordo com a teoria de Ruth Amossy (2018) sobre a argumentatividade no discurso, todo ato de linguagem, seja verbal ou não, possui uma intenção argumentativa, ou seja, busca influenciar o interlocutor de alguma forma. No caso da violência praticada por Datena, embora a agressão física substitua o uso de palavras, ela ainda pode ser vista como um ato de argu-

mentação. Nesse contexto, mesmo sem um arrazoado lógico de palavras, o ato violento cumpre uma função argumentativa ao tentar comunicar algo sem o uso tradicional da linguagem. Ele reforça, assim, uma estratégia de imposição e poder, em vez de se sustentar em argumentos racionais e estruturados, mas ainda com o objetivo de persuadir ou marcar uma posição no debate político.

Contrato comunicativo: as reflexões de Cavalcante tiveram amparo nas discussões de Patrick Charaudeau sobre a problemática sociocomunicacional e a encenação linguageira, em que o sujeito comunicante, visando atingir o sujeito interpretante, encena o seu *dizer* em função das instruções discursivas fornecidas pelos parâmetros do dispositivo sociocomunicacional e, assim, institui um ser de fala, Eu enunciador, que se dirige a um Tu destinatário, situando ambos no também chamado circuito interno da linguagem ou espaço do dizer. Inserido nessa problemática, o contrato comunicativo é um acordo (ou uma convenção) que vai regular os comportamentos linguageiros dos sujeitos envolvidos, permitindo a construção do discurso: “estamos aqui para dizer o quê?” (Charaudeau, 2004, p. 27). Sem o reconhecimento de tal contrato por parte dos sujeitos, não haveria possibilidade de intercompreensão, por isso trata- se de uma noção constitutiva da comunicação linguística (Charaudeau, 2006). “Assinar” um contrato comunicativo é, então, reconhecer os termos que definem a situação (finalidade, identidade dos parceiros, tematização e circunstâncias materiais); é reconhecer que as trocas linguageiras são parcialmente pré-determinadas. É também aceitar que essas trocas resultam de normas e convenções instauradas em cada grupo sociocultural, por isso os contratos “testemunham um estado do mercado social da comunicação em um dado momento” (Charaudeau, 1995, p. 21).

Assim, tomando um exemplo de Charaudeau, se alguém vê um cartaz publicitário na rua, percebe de imediato o sentido do todo que diz respeito ao discurso publicitário. De maneira global, mesmo sem ter lido os detalhes do cartaz em questão, pode associá-lo a uma instância publicitária que espera agir sobre uma instância consumidora a fim de incitá-la ao consumo com a promessa de um ideal de bem-estar, o que assegura a estabilidade e a previsibilidade dos comportamentos. Mas os cartazes podem não ser lidos todos igualmente, pois as normas discursivas preveem um sujeito interpretante passível de intervir no ato de linguagem. O mesmo ocorre do ponto de vista do sujeito comunicante, pois ambos são pré-determinados e livres, o que implica a possibilidade de repetição e criação.

A título de ilustração da influência do contrato comunicativo sobre a tex-

tualização, analisemos este exemplo, ainda nos valendo do episódio da cadeirada:

**Figura 2 - Postagem no Instagram do perfil @oldnorma**



Fonte: @oldnorma. 16 set. 2024. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C\\_-nWO\\_vXpR/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/C_-nWO_vXpR/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 26 set. 2024.

À primeira vista, a figura 2 se assemelha a um anúncio, veiculado em um poste da cidade de São Paulo e assinado por uma empresa de móveis planejados (sujeito anuncianta) com a finalidade de incitar o sujeito consumidor à compra de certo modelo de cadeira. Contudo, logo revela-se uma quebra contratual, pois observa-se um deslocamento no espaço do fazer: ruptura da finalidade, do domínio temático e dos papéis dos parceiros da comunicação. Assim sendo, os dados situacionais regularizam os dados discursivos que, por sua vez, regularizam os dados textuais fazendo uma transgressão se revelar no espaço do dizer, quando, por exemplo, se observa, no “anúncio”, que a cadeira serve “para atacar fascistas” e o atributo dos móveis é serem “testados por coach”, ambos os dados em alusão a Pablo Marçal, o candidato vítima da “cadeirada”. Ou seja, devido a um deslocamento das normas situacionais, o texto não se inscreve de fato no espaço publicitário. O sujeito comunicante cria um efeito de gênero deslocando o texto em direção ao espaço político e mobiliza instâncias cidadãs para seu projeto de dizer. O sujeito interpretante, por sua vez, ao perceber esse deslocamento, deve reconhecer, como cidadão eleitor e não como consumidor, o efeito satírico pretendido pelo sujeito comunicante, considerando, em conjunto, outros aspectos do contexto na construção da coerência.

Tecnodiscursividade: Paveau (2021) é convocada nos trabalhos de Cavalante ao explorar o conceito de tecnodiscursividade, um conceito que considera

as interações entre a tecnologia digital e os processos discursivos. Segundo Cavalcante *et al.* (2022), a coerência não se limita apenas aos aspectos tradicionais da produção textual, mas também é impactada pelos meios tecnológicos através dos quais os discursos são construídos. Paveau (2021) reforça essa ideia ao afirmar que a tecnologia digital transforma os processos de comunicação de maneira definitiva, exigindo uma nova abordagem dentro da análise do discurso, a qual destaca as interferências mútuas entre sujeitos, discursos, linguagens e tecnologia.

A tecnodiscursividade surge como categoria contextual, na medida em que é uma noção teórica que nos auxilia no entendimento das especificidades dessas interações, onde as tecnologias não são meros meios de comunicação, mas influenciam ativamente os processos discursivos e suas formas de coerência. Essa perspectiva ressalta a necessidade de uma abordagem mais complexa para a análise dos discursos no ambiente digital, levando em consideração não apenas os sujeitos e as interações, mas também os efeitos estruturantes da tecnologia sobre o processo comunicativo, tomando os impactos tecnológicos como um componente fundamental nas interações sociais contemporâneas.

Diante da sistematização de Custódio Filho e Elias (2024), elegemos a categoria contextual tecnodiscursividade, tendo em vista que tratar de textos que se criam, se transmitem, se replicam e se interpretam no ambiente digital não implica pressupor somente o contexto sociocultural e a memória interdiscursiva como condicionantes do próprio texto, mas uma dimensão ainda mais ampla por integrar a hibridização entre o humano e o tecnológico, bem como todas as causalidades e consequências que tal pressuposto pode abarcar.

Estamos tomando, aqui, a tecnodiscursividade como uma ampliação para o tratamento do texto que inclui não somente o que emerge situacionalmente, como também uma enunciação mais ampla, pois integra o contexto sociocultural, como já salientamos; porém todas as práticas tecno-humanas precisam estar abarcadas por essa noção de contexto tecnodiscursivo. Convencidos da relevância de observarmos as características dessa categoria contextual, na seção seguinte, discutimos de modo mais aprofundado sobre ela e, na sequência, elegemos quatro subcategorias contextuais a ela relativas, para ampararmos análises de textos nativos digitais.

## **2 Tecnodiscursividade e contexto: análise de textos em ambientes digitais**

Uma das questões que nos instigaram a desenvolver esta seção foi o que escreveram Cavalcante *et al.* (2022, p. 24):

O que cabe dentro da palavra contexto que estamos empregando? Cabe o ambiente ecológico (Paveau, 2021) em que o texto é gerado, que comporta as ações e reações humano-tecnológicas com os objetos e materiais com que possam estar relacionados na interação, os valores, os estereótipos e as crenças que possam ser evocados, assim como os saberes compartilhados e as identidades sociais que os participantes possam assumir. O contexto não é isso tudo, mas pode ser tudo isso.

Entendemos com os autores que a noção de contexto abarca tudo mesmo, ou seja, qualquer aspecto que pertença ao ambiente de que o texto participe, pois serão imbricados no acontecimento-texto. Por esse motivo, defendemos que o conceito de "contexto" em LT amplia- se ao considerarmos a tecnodiscursividade como o ambiente em que textos se inscrevem, ou seja, são transmitidos, replicados e interpretados, em virtude de estarem em uma ambiente ecológico. Trata-se de uma abordagem da análise do discurso que toma como objeto não mais elementos de linguagem isolados, mas todo o ambiente em que eles estão inscritos (Paveau, 2021). A perspectiva ecológica é particularmente necessária para a análise de textos nativos digitais por várias razões: as formas tecnolinguageiras possuem componentes tecnológicos que uma análise logocêntrica<sup>6</sup> descartaria; a produção e recepção discursivas, no modo on-line, envolve gestos<sup>7</sup> de leitura na internet inseparáveis de enunciados ("clique", "role", "toque" e outros inúmeros termos que, antes do ambiente digital, não faziam parte das análises em LT, mas que agora, necessariamente, precisam ser considerados); os tecno-textos (Duarte; Muniz-Lima, 2020) têm uma dimensão relacional, sendo todos, em graus variados em diversas configurações, de ligações técnicas para outros enunciados.

Diante disso, há uma imiscuição entre contexto e *ambiente digital* de que fala Paveau (2021). No entanto, cabe-nos esclarecer que a noção de ambiente (Paveau, 2021) foi repensada por Éméril (2017), que comprehende Facebook, Instagram e Youtube, por exemplo, como ecossistemas, como uma espécie de sub-

6 Segundo Paveau (2021), análises logocêntricas são aquelas em que a internet é usada para corpus, não como corpus. Essa distinção destaca e critica a prática corrente de retirada de enunciados do seu contexto nativo digital; diante disso, a autora propõe não mais considerar a máquina como um componente externo à linguagem, como feito nas tradicionais abordagens logo e antropocêntricas, mas sob uma perspectiva ecológica, a qual integra produções linguageiras a determinações técnicas.

7 Gestos se referem a uma ação como uma curtida. Enunciados de gesto constituem manifestações fáticas, expressando a emoção ou significando uma aprovação e numerosas outras significações contextuais. Desse modo, esses gestos enunciam, de forma implícita, o discurso do usuário diante do conteúdo produzido.

divisão do ambiente digital. Podemos ilustrar essa ideia, por exemplo, com uma aula aberta recebida pelos interlocutores no Youtube, mas em que o locutor fala por meio do StreamYard ou Google Meet.

A ideia de Émérith (2017) nos faz pensar nas mídias e em seus suportes materiais como meios que, ao organizarem sistemas no ambiente digital e ao participarem de interação digital, constituem ecossistemas como os já aludidos, que envolvem não apenas o tipo de site, a imagem prévia dos usuários, os recursos tecnológicos envolvidos, mas também a maneira como se prevê nele o aparecimento do texto, sua relação com outros, o modo como este circulará na rede e o modo como se supõe que será recebido.

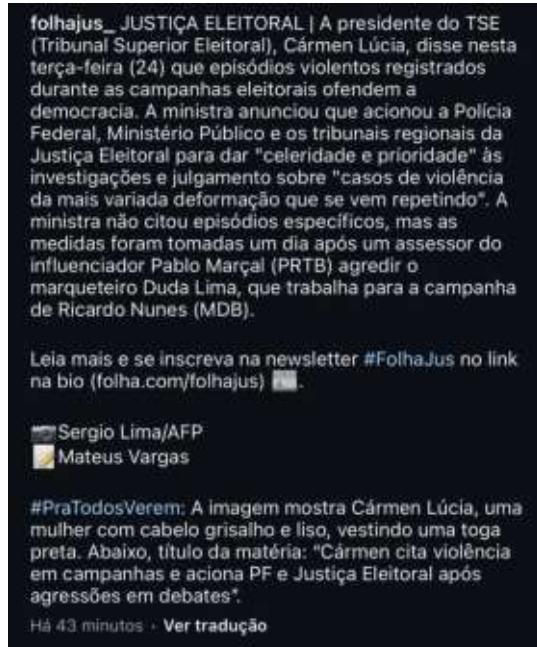
A nosso ver, cada ecossistema possui características distintas que influenciam tanto o comportamento dos usuários quanto as formas de interação disponíveis. Cada um deles oferece um ambiente específico que molda a produção e circulação de conteúdo, o que, por sua vez, impacta o modo como os usuários se engajam. Trazemos um exemplo de uma postagem do ecossistema Instagram, para proceder às nossas exemplificações a respeito das suas idiossincrasias.

**Figura 3 - Captura de tela de post do perfil *Folha de São Paulo***



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DAWfS-ky1Cn/?igsh=ZXdqbmYxZzJhNHdq>. Acesso em 25 set 2024.

**Figura 4 - Captura de tela de post do perfil *Folha de São Paulo***



Fonte: <https://www.instagram.com/p/DAWfS-ky1Cn/?igsh=ZXdqbmYxZzJhNHdq>. Acesso em 25 set 2024.

As imagens 3 e 4 configuram uma postagem<sup>8</sup> conjunta dos perfis @folhajus\_ e @folhadespaulo, no Instagram<sup>9</sup>, em que há uma declaração da ministra Cármem Lúcia, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Na Fig. 3, a ministra aparece em uma foto oficial, e o título menciona que ela acionou a Polícia Federal e a Justiça Eleitoral devido a episódios de violência durante as campanhas eleitorais, especialmente após agressões em debates. A Fig. 4 contextualiza a declaração de Cármem Lúcia a respeito de os episódios violentos registrados nas campanhas ofenderem a democracia. A decisão veio após um assessor do candidato Pablo Marçal (PRTB) agredir o marqueteiro que trabalhava na campanha de Ricardo Nunes (MDB), em um debate promovido pelo podcast *Flow*, em 23 de setembro de 2024.

- 
- 8 A postagem é formada por uma imagem, figura 3, e por uma legenda, figura 4, e constituem o texto primeiro, o primeiro a ser citado, ao passo que os textos segundos, os comentários, são coextensivos ao texto primeiro que é citado por estes, formando um todo único discursivo e ampliado (Paveau, 2021). Estão em imagens diferentes pela impossibilidade de serem capturados em tela única.
- 9 O Instagram é uma rede social com mais 113 milhões de usuários somente no Brasil, criada em 2010, por Kevin Systrom e Mike Krieger que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. Disponível em: <https://www.soucatarina.com.br/noticias/3721-1135-milhoes-de-pessoas-usam-o-instagram-rede-e-3-maior-do-brasil>. Acesso em: 26 set 2024.

Em termos de análise em LT da categoria contextual tecnodiscursividade, importa saber a que ecossistema o texto pertence, pois cada um deles proporciona experiências distintas de interação e comunicação. O Instagram se caracteriza por ser uma plataforma visual, voltada para o compartilhamento de imagens e vídeos. O comportamento dos usuários nessa rede é fortemente influenciado pela estética e pela curadoria de conteúdo visual, o que faz com que a plataforma seja amplamente utilizada para a publicação de momentos cotidianos, além de ser uma vitrine para influenciadores digitais e marcas (Ramos; De Oliveira Martins, 2018). As interações no Instagram ocorrem principalmente por meio de curtidas, comentários e compartilhamento de conteúdo visual, com destaque para os *stories*, que permitem a publicação de conteúdo efêmero disponível por 24 horas. A plataforma também facilita interações privadas por meio de mensagens diretas (DMs), promovendo uma comunicação mais pessoal.

Na perspectiva de ambiente ecológico (Paveau, 2021), as Fig. 3 e 4 revelam um tecnotexto (Martins, 2024), uma vez que respeita algumas condições discutidas pela autora. É produzido dentro do ambiente digital e necessita do funcionamento on-line para sua produção e/ou recepção e/ou co-construção de sentidos, o que advém não apenas do linguístico, mas também do tecnológico, do cultural, do social, do político, do ético, entre outros fatores. No caso, trata-se de um tecnotexto criado na rede social Instagram, que sofre interferências tecnológicas em sua criação e circulação, pois somente quem está inscrito na plataforma - @folhajus\_ e @folhadespaulo - pode criá-lo, bem como acessá-lo - demais usuários. Além disso, apresenta os traços do tecnodisco de Paveau (2021) composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade<sup>10</sup> e depende de recursos e fenômenos próprios do ambiente digital, como a hyperlinkagem<sup>11</sup> em #FolhaJus e #PraTodosVerem.

Dadas as particularidades deste ecossistema, elencamos quatro subcategorias contextuais para orientar as análises de textos na tecnodiscursividade: *hibridização humano-tecnológica; valores, estereótipos e crenças; saberes compartilhados e identidades sociais*.

<sup>10</sup> Para maior aprofundamento, indicamos a leitura de Paveau (2021) sobre como os discursos digitais nativos apresentam características que os diferem significativamente dos discursos tradicionais e exigem novas abordagens teóricas e metodológicas para sua análise: Composição, Deslinearização, Ampliação, Relacionalidade, Investigabilidade e Imprevisibilidade.

<sup>11</sup> Apesar de hashtags e arrobas serem utilizados fora do ambiente digital, como é o caso das capturas de telas das Fig. 3 e 4, apenas no ambiente de origem, no Instagram, possuem a funcionalidade de linkagem ao gerar palavras clicáveis e mencionar perfis, respectivamente.

- Hibridização humano-tecnológica: Para nós, esta mantém estreita relação com a noção de ambiente ecológico, uma vez que envolve a consideração da interação entre seres humanos e tecnologia no processo de produção e interpretação do texto. A hibridização se relaciona mais diretamente com uma das características dos discursos<sup>14</sup> nativos digitais (Paveau, 2021, p. 58), a *composição*, que repensa os discursos como "constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática". O termo *compósito* explicita essa composição, que pode ser manifesta, como em *hashtags*, que carregam marcas específicas do ambiente ecológico, ou não manifesta, como em todos os tecnotextos (Fig. 3 e 4) on-line que dependem de *softwares*.

A *hashtag* é um compósito, porque se trata de um segmento ao mesmo tempo languageiro (siglas, palavras, expressões ou frases inteiras) e técnico, devido à sua natureza clicável (assegurada pelo símbolo cerquilha #). Além de seu *status* linguístico ordinário, a *hashtag* garante, enquanto tecnopalavra, uma função de redocumentação que depende da investigabilidade dos enunciados nativos na web (Paveau, 2021, p. 120).

Os nomes das contas nas Fig. 3 e 4 são elementos compósitos, bem como as palavras que permitem realizar operações on-line, como as *hashtags* já comentadas, e os botões de curtir, comentar, compartilhar, favoritar, etc., tecnosígnos que permitem operações tecnoenunciativas, por vezes complexas.

- Valores, Estereótipos e Crenças: Amossy e Pierrot (2020) discutem como os estereótipos não são apenas simplificações ou deformações da realidade, mas também elementos estruturantes do discurso e da construção social das identidades. Eles atuam na comunicação ao condensar significados compartilhados e influenciar a interpretação de figuras públicas, como no caso da ministra Cármem Lúcia. A análise da representação midiática de figuras públicas permite explorar a complexa relação entre valores democráticos, estereótipos de gênero e crenças sociais. Através da construção visual e discursiva, a imagem de uma mulher em posição de liderança judicial se torna um campo de disputa entre a reafirmação de valores institucionais e a negociação de expectativas sociais sobre o papel da

12 Destacamos que o grupo *Protexo* assume que há uma relação simbiótica entre texto e discurso. Fruto das relações da formação discursiva em que está inserido, o discurso também é estabelecido no plano textual. Uma análise em LT jamais é somente microlinguística, mas é uma análise, como propõe Adam (2019), em três níveis: microlinguística (da ordem do gramatical, da realização de determinadas formas linguísticas), mesolinguística (da ordem do plano do texto, da composição) e macrolinguística (da ordem da relação com os gêneros e com os discursos).

mulher no poder.

Ao refletir sobre essas dinâmicas, torna-se evidente que as representações visuais na mídia não são neutras, mas carregam significados profundos que contribuem para a perpetuação ou desconstrução de estereótipos e crenças enraizadas na sociedade. É o que percebemos na análise da representação midiática da ministra, que é atravessada por estereótipos de gênero que moldam as expectativas sobre a presença feminina no poder. Carmem Lúcia desafia estereótipos de liderança feminina ao ocupar uma posição de destaque em uma área historicamente dominada por homens. No entanto, a seriedade e austeridade que sua imagem transmite podem reforçar a ideia de que mulheres precisam adotar comportamentos rígidos para serem respeitadas em cargos de poder.

Dar atenção ao discurso em torno da atuação da ministra, focado na "celebridade e prioridade" das investigações, reflete uma crença generalizada de que a Justiça deve agir de forma rápida e firme para proteger o processo democrático.

Assim, destacamos que valores, estereótipos e crenças devem receber atenção especial nas análises em LT, tendo em vista que os comentários dos usuários são em grande medida pautados por eles.

**Saberes Compartilhados:** Em momento anterior deste artigo, quando discutimos o contexto como princípio norteador de sentidos, apresentamos ilustrações de conhecimentos *linguístico*, *de mundo* e *interacional* (Koch e Elias, 2006). No âmbito da tecnodiscursividade, mais do que um mero praticante da escrita no meio digital, o locutor é um usuário do tecnodisco, com experiências e interesses individuais de navegação, por isso Paveau (2021) sugere que ele deveria ser mais adequadamente chamado de escrileitor, pelo modo subjetivo como põe em interface a escrita e a leitura de elementos multissemióticos. É o caso do escrileitor do ecossistema Instagram, que necessita conhecer e gerir os comandos disponíveis, ao passo que detém uma certa liberdade de escolha em suas reações e navegações. Por esse motivo, a autora utiliza o termo *idiodigitalidade*, referindo-se a uma digitabilidade que, embora seja influenciada pelos sistemas tecnológicos, mantém um aspecto individual e idiosincrático. Em uma mesma interação, diferentes textos se conectam, e ferramentas como as de curtida incentivam os interlocutores a adotar uma postura responsiva ativa, de forma mais intensa do que nos meios não digitais. Esses recursos tecnodiscursivos introduzem novas formas de interação, navegação e produção de significados. Um dos maiores diferenciais dessas atividades tecnolinguageiras é a possibilidade de ampliar os registros, que permanecem disponíveis e podem ser facilmente reutilizados para

criações originais.

Identidades Sociais: Segundo Charaudeau, a situação de comunicação determina de antemão a identidade social dos parceiros em função do *status* e do papel que lhes são atribuídos pelo contrato comunicativo. Além disso, fornece instruções sobre certos traços da identidade discursiva, que podem ou não ser seguidos. Tomando por base o contrato de informação midiático e as instâncias de produção e recepção (Charaudeau, 2007), a instância midiática se apresenta como intérprete dos acontecimentos, buscando identificar suas causas e situá-los para a instância público, cuja identidade, segundo o autor, é uma incógnita, por ser sempre muito diverso devido a múltiplos fatores. De todo modo, considera-se que, por ser alvo da informação e consumi-la, este pode julgar a instância midiática, a qual vai buscar estratégias discursivas apropriadas para conquistar a credibilidade da instância público, como se observa nas Fig. 3 e 4, com a declaração de Cármem Lúcia a respeito dos episódios violentos registrados nas campanhas e a própria imagem da ministra.

## Considerações finais

Como considerações finais, reafirmamos a importância da coerência como um princípio central para a LT, destacando sua natureza sociocognitiva, linguística e pragmática. Ao longo do artigo, enfatizamos que a coerência, para além de um fenômeno textual, envolve uma complexa interação entre os participantes e o contexto sociocomunicativo. Nesse sentido, a coerência depende de fatores situacionais e das práticas sociais que influenciam a construção dos sentidos, reforçando a necessidade de uma abordagem processual que considere a negociação de implicitudes, como sugerem Cavalcante *et al.* (2022).

Por esse motivo, como uma alternativa relevante para a discussão acerca da análise da coerência, intuímos propor uma pormenorização da noção de contexto, tomado como princípio norteador dos sentidos, especificamente em ambientes digitais. As especificidades da tecnodiscursividade, com suas ferramentas e interfaces, impõem novas formas de construção de sentidos, em que subcategorias contextuais como hibridização humano-tecnológica; valores, estereótipos e crenças; saberes compartilhados e identidades sociais se entrelaçam. Tais fatores evidenciam a necessidade de um aprofundamento na análise dos textos nativos digitais, que exigem uma compreensão mais ampla da relação entre linguagem e tecnologia.

Em vista disso, com as reflexões aqui engendradas, esperamos contribuir para o fortalecimento da análise de tecnotextos ao promovermos a integração das subcategorias contextuais destacadas, as quais ampliam as possibilidades interpretativas e oferecem ferramentas adequadas para a análise de textos em ecossistemas digitais.

## Referências

- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução por Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Estereotipos y clichés**. Eudeba, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- SÁ, K. B. de; CARVALHO, A. P. L. de; NASCIMENTO, I. V. S.; CAVALCANTE, S. C. **Memes em foco: uma análise intertextual da (re)construção de sentidos**. (no prelo)
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. **Linguística textual**: conceitos e aplicações. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V.; CORTEZ, S. L.; PINTO, R. B. W. S.; PI-NHEIRO, C. L. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextos-linguisticos/article/view/27884>. Acesso em: 30 set. 2024.
- CHARAUDEAU, P. Tiers où es-tu? In: CHARAUDEAU, P; MONTES, R. **La voix cachée du Tiers**: Des non-dits du discours, L'Harmattan, Paris, 2004. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/-Articles-.html>. Acesso em: 6 fev. 2013.
- CHARAUDEAU, P. El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: Normas psicosociales y normas discursivas. **Opción**, a. 22, n. 49, p. 38-54, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1012-15872006000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ve/scielo.php?pid=S1012-15872006000100004&script=sci_arttext). Acesso em: 17 jun. 2012.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, P. Ce que communiquer veut dire. **Revue des Sciences Humaines**, n. 51, juin, 1995. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/-Articles-.html>. Acesso em: 29 ago. 2013.
- CUSTÓDIO FILHO, V.; ELIAS, V. M. O Legado de Mônica Cavalcante para a linguística textual brasileira. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 26, n. 2, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/17163>. Acesso em: 30 set. 2024.
- DUARTE, L.; MUNIZ-LIMA, I. Os discursos nativos digitais e o ensino de língua portuguesa. In: SCHUTZ, J. A.; AMARAL, L. M. M. A. F. do; (Orgs.) **Um olhar sobre a educação contemporânea: abrindo horizontes, construindo caminhos**. v. 1, p. 269-279. Cruz Alta: Ilustração, 2020.
- ÉMÉRIT, L. La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numériques. **Essais** [On-line], v. 12, p. 173-190, 2017. Disponível

em: <https://doi.org/10.4000/essais.3026>. Acesso em: 30 set. 2024.

HANKS, William F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato C.; MACHADO, Marco Antônio Rosa. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. Recife: Pós-Graduação UFPE, 1983.

MARTINS, M. A. **Tecnotextualidade e campo dêitico digital**: análise de aspectos interacionais e enunciativos. 2024. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/76875>. Acesso em: 30 set. 2024.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

RAMOS, P.É.G. T.; DE OLIVEIRA MARTINS, A. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto digital**, v. 14, n. 2, p. 117-133, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117>. Acesso em: 30 set. 2024.

## Sobre as autoras

**Kleiane Bezerra de Sá** - Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisadora do PROTEXTO - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/Unilab). Líder do GPLLEd/IFCE. E-mail: kleiane.bezerra@ifce.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4424006275070421>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0005-2706-2687>.

**Hildenize Andrade Laurindo** - Doutora e mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLin-UFC). Professora do Colégio Militar de Fortaleza (CMF). Pesquisadora do PROTEXTO - Grupo de Pesquisa em Linguística (CNPq/Unilab). E-mail: hzlaurindo2@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9227080088638249>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0005-7881-4877>.